

## dogma

Proveniente do vocábulo grego δόγμα (em seu significado primordial, “o que parece bom”; em seu significado mais preciso, “decisão, decreto”), trata-se de uma ~~asneira~~ afirmação ou teoria cujos adeptos, insipientes que são, se recusam *ex consensu* a discutir, controverter ou mesmo *entender*, e para a qual não são apresentadas quaisquer razões consistentes que tragam o mínimo de senso ao que se alega — ao menos assim garantindo-se uma vida serenada (ainda que por ~~indubitáveis embustes~~ embustes indubitáveis). No campo filosófico, “dogma” é uma crença ou uma doutrina imposta goela abaixo, que não admite contestações. Exemplificando: quem defende que Deus existe porque existe, ponto final, recusando-se a discutir o assunto, nada mais faz do que afirmar um dogma; quem defende não ser a Filosofia um compêndio de excentricidades viscerais mas rejeita a possibilidade de debater tal negação, do mesmo modo está a levar a cabo um dogma — isto é, um arre-medo artificial que se acredita veraz, ainda que seja nada mais do que um estrupício para camuflar outro estrupício. É nesse sentido, portanto, que a Ciência, as Artes e a Filosofia se opõem ao modo de pensar dogmático, posto que tais quinhões do conhecimento e da cultura tendem a defender a discussão aberta e a diversidade de ideias. No campo religioso, “dogma” é uma verdade hipoteticamente divina (hipotética porque não se deixa provar, haja vista ser um dogma), revelada de modo suspeito e acatada de maneira incontestada pelos fiéis que a entendem como veneráveis — talvez porque lhes despertem horror —; no Catolicismo, por exemplo, os dogmas surgem das Escrituras e são confirmados e apoiados pela autoridade da Igreja católica. Como se pode perceber, o termo vincula-se, de maneira geral, a alguma ideologia — conjunto de princípios ignóbeis que servem de alicerce a um sistema político, científico, filosófico, social, religioso, entre outros —, evidenciando-se como verdades absolutas, indiscutíveis, cerradas e com cara de poucos amigos. Quando se fala em “dogmas”, no plural, diz-se sobre um conjunto ilógico, internamente ordenado — o que lhe garante sentido apenas se se levar em consideração sua própria lógica interna (que nunca condiz, vale dizer, com a realidade) — de representações de ideias e de valores, bem como de normas e regras de conduta; no mais das vezes, prescrevem aos membros de uma coletividade o que devem estimar, fazer, sentir, como devem valorizar, o que devem pensar, como devem pensar, onde devem pensar e, sobretudo, por que (não) devem pensar. Os dogmas apresentam, pois, caráter normativo, regulador, prescritivo, cuja função não é outra senão oferecer (à força) aos membros da coletividade uma explicação risível para a realidade que a circunda. Todavia, ainda que exista para dar respostas prontas e incontestáveis a fim de calar seguidores de doutrinas tacanhas, não fica claro o que se deveria fazer em caso de catástrofe intelectual, de calamidade cognitiva, de estado de emergência em virtude da contradição, posto que os dogmas não têm sinalizadas as saídas de emergência. Seja como for, ao Catolicismo, pelo fato de os dogmas serem verdades reveladas por Deus, acabam por se apresentar como imutáveis, definitivos, isto é, não podem ser revogados — ainda que surjam toneladas de argumentos que mostrem a ilogicidade proclamada. Visto isso, salientemos que, em se tratando da Igreja católica, para que um ensinamento seja considerado um dogma são necessárias duas condições, quais sejam, (a) seu sentido deve estar suficientemente manifestado — o que significa, para todos os efeitos, que, por tal sentido ser inexistente, carece de uma mente que o invente (e outras que nele acreditem) — e (2) a doutrina que o ensinamento encerra deve ser definida e acatada pela Igreja como uma verdade revelada. Mas há uma terceira condição — em se tratando da sensatez que nos é possível —, qual seja, o preceito deve ser inteiramente irracional; isso porque sentidos válidos não são traços benquistos a uma construção bronca, que se mantém de pé exatamente por ser sustentada pelas contradições e absurdos viscerais que a fundamentam. Por fim, vejamos uma extensa lista com alguns dos mais ~~imbecis~~ importantes dogmas apregoados pela Igreja Católica: 1, a ideia da existência de Deus não é inata nos seres humanos, que têm, para isso, a capacidade para ~~inventá-lo~~ conhecê-lo com facilidade, e de certo modo espontaneamente por meio de Sua obra (tsunamis, furacões, terremotos e congêneres); 2, a existência de Deus não é apenas objeto de um suposto conhecimento da razão natural, mas também é ~~dejeito~~ objeto de uma fé sobrenatural (que pode ser experimentada com LSD); 3, não existe mais do que um único deus — mas a quantidade de deuses mortos e ainda por morrer não corrobora tal dogma —; 4, Deus não tem princípio nem fim — tampouco lógica —; 5, em Deus há três pessoas, que configuram uma espécie de *ménage à trois* composta por “Pai”, “Filho” e “Espírito ~~de porre~~ Santo”, sendo que cada uma delas possui a

essência divina que é numericamente a mesma — e que não cheira bem —; 6, Jesus Cristo possui infinita natureza divina, com todas suas infinitas perfeições, por haver sido engendrado eternamente por Deus — em uma noite de amor com o absurdo —; 7, Jesus Cristo é detentor de uma íntegra natureza humana e de uma íntegra natureza divina, fato que é provado por seus altamente questionáveis milagres alcoólicos e por seu padecimento como animal humano; 8, cada uma das naturezas em Cristo possui uma própria vontade física e uma própria operação física, que são indissociáveis e que garantem a possibilidade de Ele ter desejos carnis mas divinamente reprimir tais necessidades demasiadamente humanas; 9, Jesus Cristo, ainda que uma besta humana, é filhote de Deus; 10, Cristo aceitou a sentença de morte na cruz como verdadeiro e próprio ~~masoquismo~~ sacrifício; 11, Cristo nos resgatou e harmonizou as relações unilaterais entre homens e Deus por meio de sua morte na cruz; 12, ao terceiro dia depois de sua morte, por sua própria virtude Cristo ressuscitou dentre os mortos — cheirando a carne podre mas capaz, ainda hoje, de apodrecer enquanto ideia ultrapassada —; 13, Cristo subiu em corpo e alma aos céus — o que nos deixa curiosos em saber qual droga ele tomou — e está sentado à direita de Deus Pai — bem como à esquerda de Elvis Presley —; 14, tudo o que existe foi criado por Deus a partir do Nada (perdoe-se a redundância) — eis um dogma fundamental da revelação cristã, o que significa que atinge os píncaros do *nonsense* —; 15, o caráter temporal do mundo, que teve um princípio no tempo — e terá um fim *digno* de nós, homens —; 16, a conservação do mundo, ou seja, Deus conserva todas as coisas por Ele criadas — inclusive as mais bizarras —; 17, o ser humano é formado por corpo material e alma espiritual — ao melhor estilo de uma moeda enfiada e sem valor —; 18, o pecado gastronômico de Adão se propaga a todos seus descendentes não por imitação, mas por geração — ou seja, é inerente a cada besta —; 19, o homem caído não pode redimir-se a si próprio, carecendo de um ato livre por parte do amor divino para que seja restaurada a ordem sobrenatural, destruída pelo pecado — e negadora da diversão —; 20, a imaculada conceição da santíssima Virgem Maria que, desde o primeiro instante de sua concepção, preserva-se imune de toda mancha de culpa original — o que não é problema com a existência atual de poderosos sabões em pó —; 21, Maria é a mãe de Deus, ou seja, a senhorita concebeu Cristo pelas (quase) vias da natureza humana, mas quem dela nasce, ou seja, o sujeito nascido, não tem uma natureza humana, mas sim a suposta natureza divinal que a sustenta, isto é, Deus, isto é, o Verbo — isto é, o erro de concordância —; 22, a assunção de Maria ao céu, imediatamente depois que foi dessa para uma melhor, sendo que seu corpo não sofreu nenhuma profanação — seja por parte de bactérias decompositoras, seja por parte de coveiros necrófilos —; 23, a Igreja foi fundada por Jesus Cristo, o qual estabeleceu os fundamentos substanciais da mesma, no tocante a doutrina, culto, constituição, dízi-mo, venda de indulgências, propinas sacras e congêneres; 24, Cristo nomeou o pedregoso apóstolo Pedro como o primeiro entre os apóstolos e como manda-chuva de toda a Igreja, conferindo-lhe imediata e pessoalmente o primado do ~~desacramento~~ poder sobre todo rebanho; 25, o Papa, sucessor de Pedro, possui plenos e supremos poderes de jurisdição sobre toda a Igreja, seja em matéria de costumes e fé, seja no que concerne ao governo e à disciplina da Igreja — seja a respeito do chapeuzinho ridículo que precisará vestir para o próximo compromisso oficial —; 26, o Papa é infalível sempre que se pronuncia *ex cathedra*, isto é, quando diz alguma asneira enquanto pastor e mestre de todos os fiéis, fazendo uso de sua suprema e suposta autoridade; 27, a Igreja é infalível quando define suas sandices em matéria de fé e costumes; 28, o batismo é um verdadeiro sacramento instituído por Jesus Cristo — o que significa que se não formos devidamente afogados não seremos salvos —; 29, a denominada “confirmação” é o verdadeiro e o próprio sacramento — ainda que tal confirmação não diga respeito à natureza velhaca desse e dos demais dogmas —; 30, a Igreja recebeu de Cristo o poder de perdoar os pecados cometidos após o batismo — ou seja, se não formos afogados, quando afogarmos alguém estaremos perdidos —; 31, a confissão sacramental dos pecados está prescrita pelo Direito Divino e é necessária para a salvação — ou seja, precisamos falar mal dos outros e de nós mesmos —; 32, a eucaristia é outro verdadeiro Sacramento instituído por Cristo, isto é, aquele que come de Sua carne e bebe de Seu sangue tem a vida eterna — e, diriam os ascetas, *seremos vivos como a mais real certeza* (o resultado? Uma inconveniente cólica.) —; 33, Cristo está presente no sacramento do altar pela transubstanciação de toda a substância do pão em seu corpo e de toda substância do vinho em seu sangue, para posterior *Suscipe sancte pater!* e conseqüente desarranjo; 34, a unção dos enfermos é mais um

verdadeiro e próprio sacramento hipoteticamente instituído por Cristo; 35, a denominada “ordem” da Igreja é mais outro verdadeiro e próprio sacramento indicado por Cristo; 36, o matrimônio é ainda outro verdadeiro e próprio ~~exeremento~~ sacramento; 37, a morte, na atual ordem de salvação, é consequência primitiva do pecado — mas com que direito chamam a morte de “consequência *primitiva*”? —; 38, a existência do Céu (*a.k.a.* Paraíso); 39, a existência do Inferno — *a.k.a.* Terra —; 40, a existência do Purgatório, para onde vão as almas dos justos que no instante da morte estão agravadas por pecados veniais ou por penas temporais devidas pelo pecado — ou seja, podemos visitar cassinos e bordéis, mas depois teremos de prestar contas —; 41, o fim do mundo e a segunda vinda de Cristo — para uma entrada digna de um show do *Moulin Rouge* —; 42, a ressurreição dos mortos no último dia, desde que tenham crido em Jesus, comido de seu corpo, bebido de seu sangue — e pago a conta —; 43, o juízo universal, em que Cristo, depois de seu retorno, julgará a todos os homens — dogma este que pode ser entendido como uma espécie de entrevista para uma disputada vaga na vida eterna —; 44, *pênso, logo çou*. E assim doma o deus, dados os dogmas, em esperança fugidia e acefalia incoerente: *dominus*. Como se viu no decorrer das linhas precedentes, os sistemas religiosos (exemplificados neste verbete pelo Catolicismo) sempre possuem na manga ou dentro da cartola uma saída sutil, um impropério apropriado, um aforismo desaforado para cada ocasião. Ainda que os dogmas sejam ideias estapafúrdias, a questão é que a propaganda sempre foi a genitália do negócio, de maneira que ainda hoje são levados a cabo pelo mesmo motivo que nos leva a contar aos nossos filhos a história da cegonha; entretanto, por mais que a verdade realmente verdadeira seja mais explícita, ao menos não se mostra como um estupro mental tão descarado como as verdades ~~supositórias~~ supositivas *pregadas* pela Igreja — e não se pode esperar algo de decência intelectual nesse meio. Ocorre que os dogmas existem, vale lembrar — ou descortinar —, porque as religiões, de maneira geral, não existem para melhorar as coisas, e sim para mantê-las como estão: eis a característica própria dos dogmas, que resguardam e conservam os absurdos necessários para preservar instituições tão ultrapassadas como as fogueiras da Inquisição. Ver ABSURDO, CRENÇA, DEUS, FALÁCIA DO APELO À FORÇA (In: APÊNDICE: ARGUMENTOS E FALÁCIAS), FÉ, FILOSOFIA DA RELIGIÃO, ERRO, INCOERÊNCIA, RELIGIÃO, TEORIA DOS MANDAMENTOS DIVINOS, TOMISMO e VERDADE/FALSIDADE.

ABRAHÃO, T. H. “Dogma”. In: *Nulla philosophica*. São José do Rio Preto: Sinnlos & Sons. No prelo s/d.